



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

PARA ALÉM DA SOCIABILIDADE: O FITNESS EM UM PROJETO PARA IDOSOS

Ariane Silveira Dias¹
André Lazzari¹
Flávio Py Mariante Neto²
Marco Paulo Stigger³

RESUMO

O presente trabalho é um recorte da pesquisa de mestrado acadêmico de um dos autores, onde nossa problemática surge a partir das discussões sobre questões simbólicas que cercam a participação dos idosos em grupos de convivência. Se eles são legitimados apenas pela ampliação das relações sociais, saúde e da autoestima; se os idosos procuram esses grupos estimulados somente pela possibilidade da convivência com seus pares. Utilizando a etnografia como método e a partir de nove meses de observação participante, realizamos uma discussão sobre sociabilidade, fitness, noção de habitus a partir de Pierre Bourdieu e a expressão homem plural de Bernard Lahire. As questões desenvolvidas a partir do trabalho nos permite refletir sobre a atuação docente no campo da Educação Física e do Lazer.

Palavras-chave: envelhecimento; fitness; sociabilidade

ABSTRACT

This work is part of a research academic Master's one of the authors, where our problem arises from the discussions on symbolic issues surrounding the participation of the elderly living in groups. If they are legitimated only by the expansion of social relations, health and self-esteem if the elderly seek these groups stimulated only by the possibility of coexistence with their peers. Using ethnography as a method and from nine months of participant observation, we conducted a discussion about sociability, fitness, from the notion of habitus of Pierre Bourdieu and the expression of plural man Bernard Lahire. The questions developed from the work allows us to reflect on teaching practice in the field of Physical Education and leisure.

¹Mestrandos do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano – ESEF/UFRGS. Participantes do Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física - GESEF

²Doutorando em Ciências do Movimento Humano – ESEF/UFRGS. Participante do Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física - GESEF

³Doutor em Ciências do Esporte e Educação Física. Professor adjunto na Escola de Educação Física – UFRGS. Coordenador do Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física - GESEF.



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

Keywords: aging; fitness; sociability

Resumen

Este trabajo es parte de una investigación académica una maestría de los autores, donde nuestro problema surge de los debates sobre las cuestiones simbólicas en torno a la participación de los ancianos que viven en grupos. Si ellos están legitimados sólo por la expansión de las relaciones sociales, salud y la autoestima de los ancianos, si buscan estos grupos estimulado sólo por la posibilidad de la convivencia con sus compañeros. Uso de la etnografía como método y de nueve meses a partir de la observación participante, se realizó una discusión acerca de la socialidad, la aptitud, a partir de la noción de habitus de Pierre Bourdieu y la expresión “hombre plural” del Lahire Bernard. Las preguntas desarrolladas a partir de la obra nos permite reflexionar sobre la práctica docente en el campo de la Educación Física y ocio.

Palabras-clave: envejecimiento, fitness, sociabilidad

INTRODUÇÃO

O presente trabalho vem na esteira dos estudos socioculturais sobre envelhecimento em projetos de lazer. A discussão proposta pelos trabalhos nessa área contribui para o discurso que a participação nesses espaços de convivência se legitima pela ampliação da rede de relações, pelo resgate da auto-estima e justificativas ligadas a saúde. Assim, no primeiro momento apresentaremos os estudos que justificam essa afirmação e, a seguir, as questões que deram origem ao nosso problema de pesquisa, visando entender o envelhecimento como um processo plural.

Se olharmos para a década de 1970, podemos perceber que alguns setores da sociedade naquele momento começaram a estimular ações destinadas ao idoso para além da perspectiva do *asilamento*. Nessa perspectiva, iniciou-se a criação de programas que tinham como objetivo “a manutenção do papel social dos idosos e/ou a sua reinserção, bem como a prevenção da perda de sua autonomia” (CAMARANO, PASINATO, 2004, p.253). Estes programas ofereciam, por exemplo, atividades físicas, recreativas e culturais. Dessa forma, a imagem do idoso, que poderia antes estar ligada somente a dependência, também passou por um processo de mudanças, podendo estar relacionada à independência e à autonomia a partir daquele momento. Investimentos em políticas, programas e projetos começaram a surgir nesta época.

Avançando um pouco no tempo, já na década de 1990, podemos identificar pesquisas que se propusessem a investigar as mudanças nas relações sociais em idosos que participavam de



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

programas que envolviam atividade física. Alguns trabalhos sobre essa temática indicavam que os idosos, participantes de programas destinados a atender esse grupo etário, apresentavam mudanças no que dizia respeito ao desenvolvimento da sua autoestima, o que auxiliaria no desenvolvimento de novas habilidades e beneficiaria a interação social dos indivíduos (NUNES e PEIXOTO, 1994; FRUTUOSO, 1996). Ainda na perspectiva do estímulo das relações sociais, Araújo e Carvalho (2004) apontaram a importância dos vínculos de amizade constituídos no âmbito dos programas que atendem grupos de idosos. Tais programas gerariam mudanças nas relações interpessoais dos participantes, oportunizando a construção de novas amizades.

Garcia e Leonel (2007) investigaram as mudanças percebidas nos relacionamentos interpessoais de idosos que frequentam grupos de convivência. Pode-se perceber na conclusão do estudo que a participação do idoso nas atividades do grupo “fez com que sua identidade individual se associasse à identidade social do grupo, legitimando seu pertencimento ao mesmo” (p.137).

Fuga de problemas gerais de saúde, resgate da auto-estima, felicidade, melhora na qualidade de vida e integração social, foram as diversas representações encontradas por Santana (2010) em seu estudo. O objetivo da autora era de conhecer e descrever o significado da atividade física para idosos participantes de um programa de saúde e cidadania do Rio Grande do Norte.

Da mesma forma que o discurso da ampliação das relações sociais e da manutenção da autoestima aparece nesses trabalhos, o discurso da promoção da saúde é encontrado como objetivo de projetos de atividade física e lazer para idosos. “Promover práticas de saúde”, “atividades física e de saúde” e “atividade de saúde e lazer” são expressões encontradas na apresentação de alguns projetos da área destinados ao público idoso.

A partir de então, o olhar sobre esses trabalhos e a observação empírica nos possibilitou fazer algumas perguntas: até que ponto os benefícios da participação em grupos de convivência se legitimam apenas pela ampliação das relações sociais, da autoestima e da saúde? Os idosos procuram esses grupos estimulados somente pela possibilidade da convivência com seus pares? A partir destes questionamentos nos propomos a investigar outras possibilidades referentes aos significados atribuídos por idoso em um projeto de atividade física para essa faixa etária. A seguir apresentamos o método que conduziu nossa pesquisa e a discussão a partir dos resultados.

METODOLOGIA

A busca de respostas para essas questões nos conduziu à perspectiva etnográfica de investigação, o que significa inserir este estudo num ponto de vista antropológico. Se tradicionalmente a Antropologia buscou compreender os costumes de povos distantes da realidade vivida pelo pesquisador, atualmente ela continua com o objetivo de “olhar a cultura do outro ‘de dentro’” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1998, p. 25), mesmo que esse outro faça parte da sua própria sociedade.

No campo acadêmico dos estudos socioculturais sobre o esporte, a etnografia tem sido utilizada para compreender como as práticas esportivas bastante corriqueiras fazem sentido para os



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

seus praticantes e como elas se inserem no seu dia-a-dia. Trata-se de entendê-las como parte da sua cultura e de visualizá-las na sua relação com o seu “em torno” (STIGGER, 2007, p. 35), ou seja, a partir das relações que se estabelecem com as rotinas, as concepções e os modos de vida desses indivíduos.

A partir desse olhar teórico, realizamos uma incursão em um projeto de atividade física e lazer para pessoas acima de 50 anos. A convivência com o grupo se deu durante nove meses, de abril a dezembro de 2011, totalizando 250 horas aproximadamente de observação participante. Foram observados os momentos de oficinas, reuniões gerais (que ocorriam no fim de cada mês), além dos eventos sociais, como almoços e festas folclóricas. Após cada dia de participação nas atividades fez-se um diário de campo. Para Winkin (1998, p. 138) o diário de campo é “o lugar do corpo-a-corpo consigo mesmos, ante o mundo social estudado”. Nele relatamos a experiência diária no campo, descrevendo os lugares, as pessoas, os acontecimentos, a seqüência com eles ocorreram, as falas. Relatamos sobre o que sentimos, sobre como nos sentimos em determinadas situações, sobre as reflexões a partir das minhas leituras. Enquanto escrevemos reorganizamos as ideias, os acontecimentos, como vemos os sujeitos da pesquisa e como eles se aproximam ou se distanciam das nossas perguntas (e por vezes nos trazem mais perguntas).

O olhar etnográfico nos proporcionou a possibilidade de construir possíveis respostas para os questionamentos apontados. A discussão de *corpo* e *fitnes* nos ajudou a relativizar alguns conceitos que havíamos inferido na introdução desse artigo. Passamos, então, a apresentá-los e discuti-los.

PARA ALÉM DA SOCIABILIDADE E SAÚDE: OUTRAS POSSIBILIDADES EM UM PROJETO DE LAZER

O projeto em questão está localizado dentro da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e desenvolve suas atividades em formato de *oficinas*⁴. Essas ocorrem de segunda a sexta-feira e são ministradas por acadêmicos dos cursos de educação física, dança e fisioterapia, sob a supervisão da coordenação do projeto. Além disso, o projeto incentiva o desenvolvimento de atividades de lazer, culturais e sociais, envolvendo os participantes desde o planejamento até a execução, sob a supervisão de uma assistente social. Tais atividades incluem oficina de canto, confraternizações, passeios, viagens, feiras de artesanato, oficinas literárias, entre outras.

Os participantes desse projeto, que levando em consideração a grande rotatividade, estão em torno de 150, pagam uma mensalidade e podem participar de quantas oficinas quiserem, de acordo com as condições físicas, recomendações médicas, interesse, indicações do projeto e

⁴ Expressão nativa que diz respeito as aulas realizadas no projeto (ginástica localizada, musculação, dança, alongamento, hidroginástica, entre outras).



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

disponibilidade de tempo. Para auxiliar na caracterização do grupo, de uma forma geral, consideramos importante trazer alguns *dados numéricos*⁵ em relação aos participantes que dizem respeito aos aspectos sociais, econômicos e etários. O grupo etário com maior representação é o grupo de 70 a 79 anos de idade, contemplando 39,3% do total dos participantes. Apesar de o projeto ser um espaço para idosos, 12% dos participantes tem entre 50 e 59 anos, pois é oportunizada a participação de pessoas acima de 50 anos de idade. Como em outros espaços para idosos, vemos reflexos da *feminização da velhice*, pois 84,1% são mulheres. Apesar de apenas 15,9% serem homens esse número é significativo, pois empiricamente se referencia que a média de participação de homens em projetos é no máximo de 10%.

Em relação a composição familiar, verifica-se que 32% moram apenas com seu cônjuge, e quando pensamos no estado civil, vemos uma concentração entre os casados (47,5%) e os viúvos (26,7%). Outro dado que julgamos ser importante diz respeito a escolaridade dos participantes, 40,6% cursaram ou concluíram o ensino superior.

A partir dos dados foi possível identificar que grande parte dos participantes do projeto em questão são mulheres, pertencentes à classe média, onde muitas tiveram acesso ao ensino superior em sua formação.

Em pesquisas realizadas na cidade do Rio de Janeiro, Mirian Goldenberg aponta que, no Brasil, o corpo é uma importante forma de capital⁶, mais desejado pela classe média urbana e outros estratos sociais, que percebem o corpo como um dos meios para ascensão social. Mas não é qualquer corpo. Ele deve seguir um padrão pré-determinado social e culturalmente, o corpo deve estar em boa forma, ser jovem. Goldenberg, afirma ainda que, esse corpo é obtido por meio de um grande investimento de trabalho, sacrifício e monetário (GOLDENBERG, 2006; 2011).

Diante disso, voltamos nosso olhar para um conceito, o do *fitness*. Mas o que é *fitness*? A discussão realizada por Malysse (2002) nos ajuda a definir essa expressão. Para o autor, o *fitness* se diferencia das demais práticas esportivas, pois “nas atividades de fitness, o objetivo não é a performance esportiva ou a socialização graças a um esporte de equipe, mas sim a busca de um bem estar físico e psíquico, a busca da boa forma e da magreza, que permitem uma boa apresentação do corpo aos outros e, portanto, a socialização por meio de uma performance mais estética do que esportiva (p.95-96)”.

Assim, o padrão de boa forma não tolera sujeitos fora dos parâmetros estabelecidos, chamados, não por acaso, de “fora de forma”. O que forja ou (de) forma os indivíduos são, entre outras coisas, as horas passadas dentro das academias. Há um “consenso visual” (MALYSSE, 2007, p. 80) sobre o que deve ser exposto para/pela sociedade que busca revestir-se de símbolos.

Com o objetivo de arrumar esses supostos defeitos, as academias têm um papel de reintegração dos indivíduos. Ao defini-las, o autor discorre fazendo uma relação com os esportes:

Nas atividades como fitness e a musculação, por exemplo, nova em sua inspiração, sua, em seu conteúdo e em seu público, o objetivo não é a

⁵ Informações detalhadas em BREGAGNOL; DIAS; GONÇALVES; MENESES (2012).

⁶ Pierre Bordieu (1987)

performance esportiva ou a socialização graças a um esporte de equipe, mas sim a busca de um bem estar físico e psíquico, a busca da boa forma e da magreza que permitem uma boa apresentação do corpo aos outros e, portanto, a socialização por meio de uma *performance* mais estética do que esportiva. Ali, não se trata de encarar a malhação como um esporte, e a atividade não é um treinamento esportivo, mas sim a manutenção e a resistência a todas as formas de resistência física (MALYSE, 2007, p.95-96).

Porém, diferente do esporte de rendimento, onde o desempenho e os resultados competitivos são objetivados, nas academias a incorporação de alguns elementos do treinamento esportivo se dá para o aperfeiçoamento da boa forma. O que se quer, nesse caso, é o rendimento máximo em relação, não a resultados esportivos, mas sim, à “escultura do corpo” (Hansen e Vaz, 2004 p. 139). Os princípios do treinamento desportivo como a especificidade se traduzem em uma nova roupagem, das academias, onde essa (re) apropriação é realizada pelos significados que os indivíduos fazem daquele espaço focados na estética corporal.

Sobre esses significados, Sautchuck (2007), em artigo publicado sobre as medições de gordura nas academias, considera que esses espaços representam um laboratório vivo de anatomia e fisiologia, onde seus frequentadores e professores utilizam-se de métodos científicos como a medida antropométrica para legitimar as prescrições de atividades realizadas nesse local. Esses artifícios podem ser duvidosos mediante a quantidade de teorias argumentando contra tais procedimentos. Ao utilizar os termos “interno” e “íntimo” (p.181), a autora se refere a uma interdependência de relações em que a modulação do corpo age sobre o interno (músculos e gordura) para ter resultados sobre o íntimo (saúde e estética). Então, “[...] o belo aqui remete ao desenvolvimento interno, derivado da sobreposição do músculo à gordura” numa lógica da “estética do metabolismo” (SAUTCHUCK, 2007, p. 197).

Por conta dos dados produzidos, iniciamos um processo de relativização dos conceitos conhecidos na literatura sobre idosos e sua inserção em grupos de convivência, de lazer, de atividade física. Se Goldenberg nos faz pensar que o *corpo*, no Brasil, é mais importante que a roupa que usamos (2011), também nos faz pensar em como os idosos interagem a partir dessa perspectiva. A partir de um excerto do diário de campo, trazemos uma possibilidade.

Antes do início de uma das aulas de ginástica localizada, Elis Regina⁷ (70 anos) aproximou-se e perguntou quais exercícios ela poderia fazer em casa para trabalhar a região do glúteo e das pernas. Por problemas de saúde ela emagreceu 8 kg no último ano e agora que estava muito magra precisava “ganhar músculos nessas regiões para ficar mais bonita, inclusive para meu marido...” (Diário de campo, 13 de abril de 2011).

⁷ Nome fictício.



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

O excerto nos ajuda a refletir sobre a preocupação com a manutenção do corpo, mesmo na fase da velhice. Essa preocupação se apresenta cada vez mais na sociedade contemporânea, e mais especificamente entre as mulheres de camadas médias urbanas.

A preocupação de Elis Regina em *ganhar músculos e ficar mais bonita* é um reflexo da construção social e cultural do corpo. Mesmo longe da temperatura tropical que atinge o Rio de Janeiro, a cidade de Porto Alegre, onde os corpos ficam cobertos por causa do frio por mais tempo em relação a outras regiões, apresenta um número considerável de adolescentes com transtornos alimentares. Goldenberg (2006) aponta que é uma das causas é a *mania de emagrecer*.

Apesar de Elis Regina não fazer parte do grupo de adolescentes, a preocupação de manter seu corpo atraente, pode ser considerado resultado da influencia do padrão de corpo estabelecido pela sociedade, pois o idoso também é atravessado por essas questões, ele também está inserido no contexto social. Já não se pode pensar como outrora, antes dos estudos gerontológicos, na velhice a partir de apenas uma referencia a da decrepitude do individuo.

De acordo com Alves (2006), ainda que os idosos não freqüentem as mesmas aulas de ginástica em relação aos mais jovens, eles preferem atividades como hidroginástica. Mas podem-se ser encontrados em alguns casos em aulas de musculação, por exemplo, demonstrando a mesma disposição dos mais jovens.

Voltando para o cotidiano do projeto, em outro momento, enquanto uma reunião geral (coordenação e participantes) era presenciada, outra aluna destaca a falta que alguns estão sentindo da oficina de musculação: “fazíamos um trabalho sistematizado há muitos meses e com a parada das aulas estamos perdendo tudo o que ganhamos, nossos músculos” (Diário de campo, 18 de maio de 2011).

Com esses exemplos não queremos negar e muito menos deixar em plano secundário a questão da socialização em projetos para idosos. Falas como: “isso que a gente faz aqui é muito bom, trabalha a cabeça e o corpo. A gente vem pras atividades e faz os grupos e daí a gente já combina de sair, de tomar chá” (Diário de campo, 30 de maio de 2011), fizeram parte do cotidiano das observações. Nossa pretensão é chamar a atenção para outras possibilidades de motivos que levam os idosos a se inserirem nos projetos, e que atualmente carecem de estudos.

Uma das possibilidades é a aproximação que fizemos a partir do conceito de *fitness* vinculado a inserção do idoso em projetos de atividade física. A busca pela boa forma pode ser mais destacada do que a ampliação de sua rede de relações sociais.

A partir dos relatos acima, é possível pensarmos na construção das práticas e ações sociais dos indivíduos na atualidade, sendo regida apenas por um conjunto de disposições homogêneas e coerentes? Neste caso, os idosos buscariam vincular-se a grupos de convivência apenas pela possibilidade de ampliação de sua rede de relações sociais? Ou, por outro lado, seria mais plausível considerarmos um processo de socialização pautado pela multiplicidade de espaços sociais e seus distintos referenciais na formação dos sujeitos contemporâneos? Talvez a indicação já feita de que os idosos procuram estes projetos com distintos interesses seja uma resposta admissível e, até mesmo, as considerações inclinam-se mais a ela do que em relação à primeira questão.



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

Ao encontro da primeira questão está a noção de *habitus* de Pierre Bourdieu e, vinculado à segunda, a expressão *homem plural* cunhada por Bernard Lahire. Para Bourdieu (2005), a noção de *habitus* pretende “dar conta da unidade de estilo que vincula as práticas e os bens de um agente singular ou de uma classe de agentes” (p. 21). Simplificadamente é um conjunto de disposições homogêneas onde os diferentes atores sociais, pertencentes a uma determinada classe social, agem e atuam em conformidade a tais sistemas de disposições que, por sua vez, são interiorizadas via processos de socialização e que, desta forma, garantem uma reprodução social básica de acordo com os *habitus de classe*, ora reiterando às diferenças de estilos de vida inter-classes (gostos, crenças, práticas e preferências), ora reafirmando as semelhanças enquanto grupo que compartilha o mesmo *habitus*.

Bonnewitz (2003) reitera que o conceito de *habitus* defendido por Bourdieu “é um sistema de disposições duradouras adquirido pelo indivíduo durante o processo de socialização” e coloca que, tais disposições

são atitudes, inclinações para perceber, sentir, fazer e pensar, interiorizadas pelos indivíduos em razão de suas condições objetivas de existência, e que funcionam então como princípios inconscientes de ação, percepção e reflexão (p. 77)

Diferentemente do olhar da unicidade dos sujeitos no que se refere a suas ações, gostos e preferências, estão as contribuições de Bernard Lahire. Para este autor, o ator social é um sujeito plural, onde ele se socializa tendo como referência uma pluralidade e uma heterogeneidade de disposições incorporadas, não agindo ou construindo suas práticas e experiências seguindo um princípio único norteador, isto é, baseando-se num conjunto de disposições homogêneas. Ao contrário, para ele os indivíduos fazem uso de uma grande variedade de referências disposicionais, às vezes incoerentes ou, até mesmo, contraditórias; dada à multiplicidade de saberes incorporados, de experiências vividas e dos papéis interiorizados por eles no transcorrer de suas vidas, especialmente, em tempos contemporâneos (LAHIRE, 2002).

CONCLUSÃO

Diante do exposto, podemos perceber a pluralidade de se viver a velhice hoje. A sociabilidade e o *fitness* fazem parte dessa multiplicidade. Entendemos que só faz sentido olhar para essa fase da vida se levamos em consideração que os idosos são atravessados por essas questões sociais, pois também são pertencentes à sociedade.

Pensar nos projetos para idosos para além da perspectiva da sociabilidade pode nos ajudar na ampliação das possibilidades de se viver o envelhecimento e nos aproximarmos, como profissionais da área, na compreensão dos objetivos e significados engendrados por eles, enquanto participantes de grupos de convivência.



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

O interesse evidenciado pelos idosos do projeto investigado em dar importância a questões relacionadas ao corpo, a “boa forma”, e não apenas à perspectiva de sociabilidade, faz-nos refletir no fato de que os interesses forjados pelas pessoas (neste caso os idosos) são também estabelecidos social e culturalmente. Ver a velhice como algo a parte de outros contextos sociais é negar a multiplicidade de relações que se estabelecem entre os idosos e as outras instâncias sociais, como: a mídia, o mercado, a relação com outras gerações, que constituem o aparato simbólico que direciona os significados relacionados com a escolha e a adesão a um programa para idosos.

As reflexões propostas até aqui, voltadas aos aspectos culturais, permitem-nos questionar, também, a atuação docente no campo da Educação Física e do lazer. Deste modo, o profissional que escolhe lecionar para este público, deverá voltar seu olhar para estes diferentes sentidos que podem ser atribuídos e direcionar a sua prática para uma configuração pedagógica que vá além da sociabilidade.

REFERENCIAS

- ALVES, A. M. **Mulheres, corpo e performance: a construção de novos sentidos para o envelhecimento entre mulheres de camadas médias urbanas.** In: Myriam Lins de Barros. (Org.). Família e Gerações. 01 ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006, v. 01, p. 67-90.
- ARAÚJO, L. F.; CARVALHO, V. A. **Velhices: estudo comparativo das representações sociais entre idosos de grupo de convivência.** Rio de Janeiro: V7, 2004.
- BONNEWITZ, Patrice. **Primeiras lições sobre a sociologia de Pierre Bourdieu.** Petrópolis: Vozes, 2003.
- BOURDIEU, P. **A Economia das Trocas Simbólicas.** São Paulo: Perspectiva, 1987.
- BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas: sobre a teoria da ação.** 7ª. ed. Campinas: Papyrus, 2005.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, R. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: OLIVEIRA, R. C. (org.). **O trabalho do antropólogo.** 2 ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Unesp, 1998.
- CAMARANO, A. A. (org); PASINATO, M. T. **Os Novos Idosos Brasileiros: Muito Além dos 60?** Rio de Janeiro: IPEA, 2004.
- FRUTUOSO, D. L. F. **A terceira idade na universidade: estudo do campo de representação.** Tese de Doutorado. Faculdade de Educação/ UFRJ, 1996.



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

GARCIA, A.; LEONEL, S. B. **Relacionamento Interpessoal e Terceira Idade: a mudança percebida nos relacionamentos com a participação em programas sociais para a terceira idade.** In: Pesquisas e Práticas Psicossociais, São João del-Rei, v. 2, n. 1, p. 130-139, 2007.

GOLDENBERG, M. **O corpo como capital: para compreender a cultura brasileira.** In: Revista eletrônica da Escola de Educação Física e Desportos – UFRJ. V. 2. N. 2, Julho/Dezembro 2006.

GOLDENBERG, M. **Corpo, envelhecimento e felicidade na cultura brasileira.** In: Comtemporanea. Ed. 18. V.9, N. 2, 2011.

HANSEN, R. VAZ, A.F. **Treino, culto e embelezamento do corpo: Um estudo em academias de ginástica e musculação.** Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Campinas, v.26, n.1, p. 135-152, setembro, 2004.

LAHIRE, Bernard. **Homem plural.** Os determinantes da ação. Petrópolis: Vozes, 2002.

MALYSSE, S. Em busca dos (H) alteres-ego: olhares franceses nos bastidores da cultura carioca. In: GOLDENBERG, M. (org.). **Nu e Vestido: dez Antropólogos revelam a cultura do corpo carioca.** Rio de Janeiro: Record, 2002.

NUNES, A. T. G. L.; PEIXOTO, C. **Perfil dos Alunos da Universidade Aberta da Terceira Idade. Relatório de Pesquisa.** Faculdade de Serviço Social/UERJ, 1994.

SANTANA, M. S; **Significado da atividade física para prática de saúde na terceira idade.** In: Estudos Interdisciplinares sobre Envelhecimento Humano. Porto Alegre, V.15, n.2, p. 239-254, 2010.

SAUTCHUK, C.E. A medida da gordura: o interno e o íntimo na academia de ginástica. **Mana.** Rio de Janeiro, v. 13, n.1, p. 181-205, 2007.

STIGGER, M. P. Estudos etnográficos sobre esporte e lazer: pressupostos teórico-metodológicos e pesquisa de campo. In: STIGGER, M. P.; GONZÁLEZ, F. J.; SILVEIRA, R. **O esporte na Cidade: estudos etnográficos sobre sociabilidades em espaços urbanos.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

WINKIN, Y. Descer ao campo. In: WINKIN, Y. **A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo.** Campinas: Papirus, 1998.